



## Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o *saber-fazer-pensar* nas ciências humanas

Sorority in Marcela Lagarde y de los Ríos and life experiences and formation in Marie-Christine Josso and some reflections on scientific *know-how-thinking* in the humanities

Márcia Regina Becker\*

Carla Melissa Barbosa\*\*

**Resumo:** Este artigo contempla reflexões oriundas do diálogo entre o conceito de sororidade e o de experiências de vida e formação. Nosso objetivo é construir subsídios para (re-) pensar tanto a postura ética e política como caminhos metodológicos em pesquisas científico-acadêmicas realizadas com/entre mulheres. Este trabalho se justifica na luta pela desconstrução do patriarcado, trazendo a sororidade no centro do debate como uma postura tanto ética como estética nas relações que as mulheres estabelecem entre si. Compreendemos as narrativas que contemplam experiências de vida e formação como sendo um instrumento importante para a prática sororal. Com as reflexões que trazemos, buscamos aquarelar novos horizontes nas relações entre mulheres e muito especialmente no meio acadêmico.

**Palavras-chave:** Experiências de vida. Mulheres. Pesquisa científico-acadêmica. Sororidade.

**Abstract:** This article includes reflections from the dialogue between the concept of sorority and of life experiences and formation. Our goal is to create subsidies for (re-) thinking both, the ethical and political posture as methodological paths in scientific-academic research conducted with / among women. This work is justified in the struggle for the deconstruction of patriarchy, bringing sorority at the center of the debate as a posture both ethical and aesthetic in the relations that women establish between themselves. We understand that narratives that contemplate life experiences and formation as being an important instrument for soror practice. With that in mind, we seek to create new horizons in the relationships between women, especially in the academic world.

**Keywords:** Life experiences. Women. Scientific-academic research. Sorority.

\* Mestra em Educação e pedagoga. Integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST (CNPq) e discente não regular no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: marciareginabecker@gmail.com

\*\* Mestra em Educação, especialista no Ensino da Geografia e da História e licenciada em Ciências Sociais. Integrante do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Conhecimento (CNPq) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: carlamelissam@yahoo.com.br



## Introdução

O presente texto se propõe a um processo reflexivo sobre experiências que temos acumulado, seja como pesquisadoras, seja como professoras, oficinairas, artesãs e especialistas da sociologia e pedagogia, em processos autoformadores, em especial, em espaços de fazer e pensar<sup>1</sup> que reúnem mulheres das classes populares. O que se deseja é pensar formas e espaços possíveis de serem colocados a serviço de projeto, neste caso o projeto de um novo caminhar que busca transformar as relações excludentes que se estabelecem entre as mulheres em função de uma cultura patriarcal, a fim de perceber terrenos férteis para novos caminhos que venham proporcionar uma nova cultura: da empatia e da solidariedade, ou seja, da prática sororal. Para tanto, abordamos o conceito de sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos<sup>2</sup> na primeira parte do texto.

Compreendemos e desse modo buscamos propor as narrativas com base em histórias de vida e formação como uma ferramenta que pode subsidiar a prática da sororidade, especialmente no meio acadêmico, em pesquisas desenvolvidas na grande área de ciências humanas. A segunda parte do texto trata dessa questão.

Nesta nota introdutória, ressaltamos o lugar em que nos movimentamos: a partir da educação popular<sup>3</sup>, da pesquisa participante<sup>4</sup> e das teorias feministas<sup>5</sup>. Dentro desta perspectiva, buscamos apontar para um modo mais político quando se trata de pesquisar com mulheres, muito embora esse modo venha carregado pelo desejo de uma outra ética e estética<sup>6</sup>.

## Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos: um breve apanhado para pensar um outro caminhar

A sororidade é uma das pautas dos feminismos atuais, sendo que o espaço onde mais é debatida é o da militância feminista, propriamente nos movimentos de mulheres. Seu eco ainda se faz tímido no espaço acadêmico. Palavra que ecoa até mesmo um tanto quanto estranha na língua

<sup>1</sup> Sobre a relação indissociável entre fazer e pensar, cf.: SENNETT, Richard. *O artífice*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

<sup>2</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *El feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías*. 2012. Disponível em: <www.inmujeres.df.gob.mx>. Acesso em: 20 out. 2016.

<sup>3</sup> Cf.: MELLO, Marco. *Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao gesto*. Porto Alegre: Ísis, 2005.

<sup>4</sup> Cf.: BRANDÃO, Carlos R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999. BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (orgs.) *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

<sup>5</sup> Buscamos caminhar com as teóricas feministas latino-americanas, muito especialmente neste texto, com Margarita Pisano e Marcela Lagarde y de los Ríos. Além de algumas autoras que citamos no decorrer do texto e que também se situam no campo das teorias e estudos feministas.

<sup>6</sup> A estética é pensada aqui muito mais na relação com a ética do que como dois conceitos separados. Sobre a relação entre ética e estética, cf. HERMANN, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.



portuguesa por não comparecer nela. Palavra que vem de *sóror* e que significa irmã em espanhol. Remete-nos a fraternidade, palavra que por sua vez integra o léxico português e que vem de *frater*, ou seja, irmãos. Sororidade como a solidariedade entre irmãs e harmonia entre as mulheres e fraternidade como a solidariedade entre irmãos e harmonia entre os homens.

Os feminismos contemporâneos objetivam a busca de uma nova identidade para as mulheres, e a sororidade ocupa um lugar central como ferramenta para construção dessa nova identidade e, por conseguinte, da desconstrução da identidade feminina tradicional. O esforço intelectual e prático do feminismo constitui, em si mesmo, uma revolução cultural que tem a ver com as mulheres, mas também com a transformação dos homens. Os feminismos têm apresentado propostas onde a vida possa ser vivida em sintonia com a natureza e com o cosmos e, assim, apresenta outras formas de nos relacionarmos conosco mesmas/os e em relação com tudo o que mais constitui o cosmos. Dentro dessa perspectiva, os feminismos desafiam desconstruir dualidades tais como feminino/masculino, por exemplo. Há os feminismos como o de Margarita Pisano<sup>7</sup>, que propõe que nos coloquemos do outro lado da esquina, ou seja, que possamos imaginar a organização da vida em sociedade fora do patriarcado. Um exercício um tanto quanto complexo, mas que urge.

Lagarde y de los Ríos<sup>8</sup> apresenta em seus estudos a sororidade como algo para ser pensado e exercitado na vida ordinária. Compreendemos que esse possa ser um exercício a partir da esquina, como bem propõe Pisano<sup>9</sup>. A sororidade como uma prática que implica poder e liberdade de pensamento para lutar contra valores e estereótipos patriarcais que, tradicionalmente, unem as mulheres sob determinadas situações e que, em outras, as afastam e as tornam em certa medida inimigas. Para Lagarde y de los Ríos<sup>10</sup>, as mulheres que se introduzem no caminho de luta contra a misoginia<sup>11</sup> com outras mulheres só o fazem por reconhecerem que elas próprias também são misóginas e a sororidade só pode ser exercida se a luta começar contra sua própria misoginia. Perceber as outras mulheres com empatia é fundamental para o exercício da sororidade. É o se colocar na esquina do outro lado da rua.

Para os feminismos contemporâneos, a sororidade assume uma dimensão ética, política e prática (estética) e dentro da qual as mulheres praticam relações que, através do apoio mútuo, buscam contribuir para a eliminação das formas de opressão patriarcal. Desse modo, a sororidade é a consciência crítica da misoginia e de seus fundamentos e dos prejuízos que deixa para as

<sup>7</sup> PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. 2001. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pm/ayobre/pdf/pisano.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

<sup>8</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>9</sup> PISANO, 2001.

<sup>10</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>11</sup> Sobre misoginia, cf.: BERGER, Carlos Norberto. Misoginia. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFDG, 2015, v. 1, p. 461-463.



mulheres. É um esforço consciente em nível pessoal e coletivo com o objetivo de desmontar a cultura patriarcal vigente em nossa sociedade. Por meio dessa prática, as mulheres buscam transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas sobretudo buscam transformações sociais – especialmente políticas, econômicas e jurídicas.

Lagarde y de los Ríos<sup>12</sup> elucida os aspectos ético-políticos da sororidade. O primeiro aspecto envolve a identificação de semelhanças entre as mulheres. Condições como idade, geração, opção sexual, classe social, etnia, formação cultural, ideologia, posição e atuação política, opção religiosa, entre outras características. Semelhanças desse tipo são fundamentais porque são aspectos de identificação entre as mulheres e não de ser fundamentais para debater a misoginia e que poderá ser mais facilmente reconhecida pelas mulheres quando integram um grupo no qual suas integrantes se identifiquem através de vários aspectos. O segundo aspecto aprecia o reconhecimento da igualdade e da diferença, da diversidade e da especificidade das mulheres. No terceiro está a busca pelo reconhecimento da vitimização e da opressão de mulheres e criação de mecanismos de defesa contra qualquer tipo de violência e desrespeito aos direitos humanos. No quarto aspecto vemos a necessidade de considerar a importância de se visibilizar os avanços reais das mulheres nas esferas social, cultural, política e jurídica, e de se enfrentar o antifeminismo e difundir os feminismos. E no quinto aspecto a autora aponta para a necessidade do reconhecimento entre as mulheres da legitimidade de sua sexualidade e assim como da de outras mulheres a fim de que possam ressignificar sua própria condição humana.

As relações de inimizade e ódio cultivadas entre as mulheres são resultados da organização patriarcal do mundo e estimuladas através de processos educativos escolares e não escolares e também pela forma como ocorre a socialização de gênero. Cada mulher aprende a ser competitiva com outra mulher através da mediação de classe, raça, etnia, geração, religião. Desse modo, elas estabelecem entre si eixos hierárquicos de domínio e de opressão de umas sobre as outras. As mulheres acabam reproduzindo formas autoritárias de maneira acrítica. O controle do conhecimento e das maneiras de fazer, o prestígio, a fama, a distribuição de recursos e oportunidades são formas que permitem umas mulheres avançar de maneira desigual em relação a outras. E assim se aprofundam os estranhamentos e os laços de inimizade. A sororidade requer o reconhecimento pelas próprias mulheres das formas de opressão exercidas por elas sobre elas.

A misoginia cultivada pelas mulheres favorece os enfrentamentos. A fim de que algumas mulheres consigam ascender, essas necessitam excluir outras para que ocupem um espaço ou uma posição ou ainda para obter recursos e bens ou oportunidades. Ou seja, as mulheres necessitam competir entre si para ter um lugar na sociedade. Isso quer dizer que elas são estimuladas a se confrontarem ideológica e politicamente a partir de análises e interpretações

---

<sup>12</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.



distintas através de valores antagônicos, crenças e por outros fatores inerentes à cultura patriarcal. Na política patriarcal está a causa da inimizade e das disputas entre as mulheres convocando-as a disputarem entre si ensinando-as a não serem solidárias umas com as outras. E essa prática entre as mulheres é requisito para serem aceitas, valorizadas e ascender na sociedade competitiva, capitalista e neoliberal. As mulheres necessitam lutar umas com as outras para ocupar espaços, fazer prevalecer ideias e princípios e avançar em posições.

Para os feminismos, é imprescindível que as mulheres tomem consciência da política patriarcal que as utiliza para reproduzir diversas opressões. Essa consciência perpassa tanto o plano individual como o coletivo. Nesse sentido, é preciso eliminar formas de violência entre as mulheres tais como: a deslegitimação, a desconfiança, o descrédito, a desautorização e as diversas formas de discriminação (sexual, geracional, étnica, racial, linguística, social, econômica, intelectual, ideológica, religiosa, política e outras mais) e que são obstáculos patriarcais que impedem as mulheres de aproximarem-se mais umas das outras.

Não podemos ignorar as redes de apoio que sempre existiram entre as mulheres – as *redes genealógicas* como prefere Lagarde y de los Ríos<sup>13</sup>. Há movimentos de mulheres que perpassam várias gerações. Há redes mais próximas do cotidiano de cada mulher como as que se fazem no parentesco e entre as amigas. Certamente nessas redes não se escapa dos valores patriarcais, do capitalismo e do neoliberalismo. No entanto, a autora nos desafia com algumas questões: “¿Qué sería de lãs mujeres sin nuestras madres, hijas, abuelas, sin nuestras parientas? ¿Qué sería de nos otras sin nuestras compañeras y nuestras amigas? ¿Qué sería de nosotras sin nuestras ancestrais?”<sup>14</sup>. Nessas redes de apoio, as mulheres encontram um estado de bem-estar pessoal e mútuo. Quiçá pensar com essas redes uma outra ética e estética e ampliar para todas as relações, inclusive aquelas nas quais as mulheres se têm ou percebem como inimigas? A prática da sororidade exige o cultivo de relações de amizade e não de inimizade entre as mulheres.

Estas considerações acerca da sororidade também implicam o trabalho científico. Porque se pesquisadores/as que se identificam com os feminismos, ao pesquisar com grupos de mulheres, não levarem em conta essa ética e estética feminista, estarão longe de conciliar uma epistemologia feminista com a prática. “La sororidad es un principio universal de relación con todas las mujeres y es un recurso para enfrentar conflictos entre mujeres de formas inéditas, sólo con la eliminación de la misoginia”<sup>15</sup>. Somente reconhecendo as diferenças, afirmando a diversidade e enfrentando as variadas formas de opressão é que poderemos viver na perspectiva dessa nova ética e estética.

<sup>13</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>14</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 548.

<sup>15</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012, p. 548.

Para isso, no entanto, as mulheres necessitam exercitar seu pensamento crítico e reconhecer sua própria misoginia, inclusive as que atuam no campo do trabalho e formação científico.

Conforme Lagarde y de los Ríos<sup>16</sup>, a sororidade apresenta princípios éticos que podem ser compreendidos em cinco pontos: o primeiro está na eliminação da misoginia pessoal e coletiva a fim de não reproduzir formas de opressão entre mulheres; o segundo está na promoção da valorização individual e coletiva para fortalecer as relações; o terceiro está no reconhecimento da autoridade das mulheres e de cada mulher em seu campo de atuação. Reconhecer seu trabalho e suas capacidades próprias. Reconhecer a autoridade da outra mulher proporciona a valorização coletiva e, por consequência, autovalorização; o quarto está em saber distinguir autoridade de autoritarismo; e o quinto princípio está em experimentar a autoridade sem autoritarismo.

A partir desses cinco princípios éticos, a autora<sup>17</sup> apresenta quatro condições para a prática da sororidade. Como primeira condição, observa a consciência de gênero, ou seja, reconhecer que o que uma mulher vivência muitas outras podem estar vivenciando de forma semelhante. Isso permite reconhecer as diferenças e semelhanças entre as mulheres. Como uma segunda condição, propõe vencer a ideia de que as mulheres necessitam ser idênticas, ou seja, compreender que mulheres semelhantes continuam sendo diferentes. Terceira condição: reconhecer o direito de cada uma à diferença e à individualidade. E a quarta condição: compartilhar recursos, bens e espaços partindo de princípios como os de necessidade e prioridade para sustentar coletivamente aquelas que têm maiores necessidades e carências e fazendo isso a partir do princípio ético da autonomia e do respeito de compromissos e liberdades.

Seguindo nessa linha de raciocínio, a autora<sup>18</sup> apresenta três recursos estéticos e políticos da sororidade: a) uso das linguagens verbal, corporal e escrita de modo não sexista, não estereotipada e inclusiva; b) atitudes de rechaço à violência contra as mulheres e atitudes de reconhecimento das mulheres naquilo que elas são e fazem; e c) difusão e visibilização de tudo aquilo que é favorável ao bem-estar das mulheres e tudo aquilo que as valoriza como seres humanas.

Para Lagarde y de los Ríos<sup>19</sup>, é pelo princípio ético de respeito às outras mulheres que a sororidade assume uma dimensão política imprescindível no feminismo contemporâneo. Nesse sentido, a autora chama a atenção para a cultura patriarcal que requer a reprodução de práticas misóginas. Nesse âmbito, até renomadas feministas – inclusive acadêmicas – acabam reproduzindo

---

<sup>16</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>17</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>18</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

<sup>19</sup> LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2012.

formas de tratamento de autoritarismo, de exclusão e de rivalização e encontram dificuldades de pôr em prática a ética e estética sororal.

### **Abrindo caminhos para caminharmos juntas outra caminhada**

Nosso lugar de fala é permeado pela ideia de que a ciência não é neutra, que somos parte do processo de formação na pesquisa e que nossa prática profissional é norteadada por valores. Neste sentido, embora façamos o exercício de buscar uma horizontalidade nas relações, temos consciência do nosso inacabamento e do permanente conflito na relação entre aquilo que nos constitui, que está dado *a priori* num determinado tempo, espaço e sociedade, e a busca pela desconstrução dos diversos preconceitos que nos moldam. Afinal de contas, é difícil colocar-se na outra esquina para pensar a partir de outro lugar, que seja o de fora do patriarcado, muito embora estejamos dispostas a fazê-lo apesar das dificuldades que, na condição de feministas, encontramos no atual momento.

Entre as inquietações que rodeiam nosso debate sobre pesquisas e o trabalho científico e acadêmico com mulheres, numa perspectiva do exercício da epistemologia feminista, está a grande dificuldade de praticar a sororidade entre as mulheres, mesmo entre as que têm o discurso sororal na ponta da língua. Deparamo-nos com o fato de que sororidade não é algo dado, natural, palpável. Trata-se de um desafio construir a ideia de sororidade numa sociedade moldada por uma cultura patriarcal, que silencia a alma e acirra a disputa entre as mulheres. Por outro lado, precisamos começar por algum lugar, por alguma esquina.

No contexto de construção desta escrita, que julgamos necessária uma vez que almejamos sistematizar nossas reflexões oriundas das experiências concretas a fim de avançar metodologicamente e mesmo na vida ordinária, também estamos vivenciando e (com-) partilhando alguns dramas familiares. Estes, ao mesmo tempo em que têm nos tirado o chão, têm nos movido em busca de respostas/propostas para novos/velhos entraves na experiência das mulheres mesmo quando sobre elas (e neste momento sobre nós em particular, que estamos sistematizando este texto) culturalmente segue recaindo o papel do cuidado, da exclusão e da culpa. E aqui saímos do silêncio, num caminhar para si, numa forma de se colocar como parte desse processo formador e de ensaiar um exercício sororal. Podemos pensar, como se utiliza na costura, que o exercício se assemelha ao de fazer uma peça-piloto.

Neste sentido, como se fosse tarefa objetiva e concreta, a fim de pensar uma cultura da sororidade, nos perguntamos: Onde poderia brotar a sororidade? Como elaborá-la? Entre os espaços nos quais circulamos e assumimos, entre outros papéis, o de pesquisadoras, mas principalmente na condição de mulheres, em qual horizonte poderíamos vislumbrar um terreno



fértil? Avistar uma esquina e se instalar, ou então sendo um pouco mais utópicas, avistar várias esquinas e nelas começar a trabalhar e festejar com outras mulheres?

### **Espaços de fazer, espaços de pensar, espaços de elaborar outros caminhos, outras esquinas**

Entre os espaços formativos, os que mais têm sensibilizado nossas reflexões, que têm chamado a atenção, são aqueles onde mulheres se reúnem para fazer atividades manuais como costurar, bordar, crocheter, tricotar. Os espaços e momentos em que as mulheres se reúnem para fazer manualidades, conforme Edla Eggert e Márcia Silva<sup>20</sup>, apresentam espaços, epistemologias e metodologias que acabam propiciando narrativas autobiográficas. Estas, por sua vez, têm origem não apenas no fazer manual, mas também temos percebido, através das leituras e do cotidiano de pesquisa, que as narrativas vêm à tona após se estabelecer uma relação de confiança e certa empatia entre as mulheres envolvidas, inclusive com as pesquisadoras. E aqui nos incluímos numa postura de horizontalidade e de processo autoformador para todas, num sentido de caminhar para si como propõe Marie-Christine Josso<sup>21</sup>.

Sendo os espaços de fazer, espaços de narrar, de falar sobre si e de escutar a(s) outra(s), eles possibilitam momentos de fuga dos cativeiros<sup>22</sup>, do papel atribuído do espaço privado ou público e do silêncio. Também são momentos de desatar nós. Compreendemos que de certa forma já estamos instaladas do outro lado, em uma esquina, se não próximas a ela. Nos colocamos com Josso<sup>23</sup>, cujo processo formador tem base na abordagem biográfica. Neste caso, falamos de narrativas autobiográficas oriundas de experiências coletivas de fazeres manuais e que possibilitam ouvir as vozes das mulheres e pensarmos uma nova cultura para as relações que estabelecemos entre nós mesmas. E assim nos inspiramos nos preceitos da pesquisa-formação com base nessa autora<sup>24</sup>.

Neste percurso metodológico, um conceito importante é o de caminhar para si<sup>25</sup>, em que

pesquisadora e pesquisadas estão no mesmo patamar, ambas estão envolvidas, por inteiro, no processo formador o que inclusive denota o processo inconcluso da

<sup>20</sup> EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Pelotas: Editora da UFPel, 2009.

<sup>21</sup> JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>22</sup> Cativeiros é um conceito-chave para compreender antropologicamente os papéis que as mulheres assumem dentro do patriarcado. Desse modo, Lagarde de los Ríos apresenta cinco categorias nas quais as mulheres se encaixam. Essas cinco categorias podem ser compreendidas como cinco cativeiros e são: o ser mãe e esposa, o ser puta, o ser santa, o ser presa e ser louca. São papéis-cativeiros que permitem compreender como as mulheres são enquadradas dentro do patriarcado. Cf.: LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: UNAM, 2005.

<sup>23</sup> JOSSO, 2004.

<sup>24</sup> JOSSO, 2004.

<sup>25</sup> Esse conceito é abordado ao longo da obra de Marie-Christine Josso. Cf.: JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.



investigação, ao mesmo tempo em que nos remete a nossa própria trajetória de vida neste mundo, envolvendo vários aspectos que foram historicamente apartados<sup>26</sup>.

Segundo Josso<sup>27</sup>, o fato do processo ser formador para a própria pesquisadora, implica necessariamente que precisamos contemplar, nas pesquisas, todas as dimensões do nosso ser.

Quer sejam: o SER de conhecimento; o SER de ação; o SER de sensações; o SER de carne; o SER imaginação; o SER afetividade; o SER sensível. Para cada uma delas, temos de desenvolver todas as nossas “antenas” de relacionamentos conosco mesmos [sic], com os outros [sic] e com o ambiente humano natural<sup>28</sup>.

Nesse sentido, não é um processo apenas individual, mas também coletivo, uma vez que fazemos o caminho reflexivo para si e para a outra, caminho que envolve aspectos éticos, estéticos e morais. Partindo de pressupostos teóricos e da constatação nas experiências com mulheres, onde as narrativas surgem em determinados momentos e contextos de experiência coletiva, alguns aspectos podem ser pensados para a pesquisa: Para que servem as narrativas? O que podemos fazer com o que surge, se nos propormos a estar “antenas” e a assumir uma postura de humildade com relação a escuta da outra?

As histórias de vida podem ser postas a serviço de projetos singulares e coletivos<sup>29</sup>. O projeto que pensamos aqui é mais amplo, ou seja, recai sobre a desconstrução da cultura patriarcal e requer a construção de uma cultura sororal e, inclusive, entre as mulheres no campo do trabalho acadêmico e científico. E, dessa forma, trabalhar os aspectos do mundo privado e público, os quais são silenciados, invisibilizados e tidos como de menor ou nenhum valor, é fundamental tanto para a pesquisadora como para pesquisada, de modo que, nessa caminhada, ao recuperar a história de vida para tomar consciência da trajetória e das próprias escolhas, tem-se a preocupação de que as mulheres possam chegar a uma produção de conhecimentos que lhes façam sentido e se engajem em projetos de conhecimento que as institua como sujeitas<sup>30</sup>.

É nesta esquina, na qual nos instalamos com as mulheres das classes populares e sujeitas participantes de nossos projetos acadêmico-científicos, que o processo de narrar assume relevância. É que no processo de narrar-se tem uma forma de olhar para si e de organizar sua própria história que impacta num processo reflexivo, o qual implica debruçar outro olhar sobre o acontecimento passado e, dessa forma, revelam-se momentos charneira “em que se trata de compreender como essa história articula-se como um processo – o processo de formação – que pode ser apreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e

<sup>26</sup> SILVA, 2012, p. 28.

<sup>27</sup> EGGERT, Edla; PERES, Lúcia Maria Vaz. Conversando com Josso: encontros autoformadores. In: *Cadernos de Educação*, Pelotas: UFPel, v. 30, p. 15-24, 2008.

<sup>28</sup> JOSSO, 200, p. 18.

<sup>29</sup> JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 25 n. 2 São Paulo, jul./dez. 1999.

<sup>30</sup> JOSSO, 1999, p. 16.



ao futuro<sup>31</sup>. São momentos nos quais as lembranças são ressignificadas a partir da ordenação do enredo da narrativa e da busca para explicar um evento do passado que permanece latente. Para tanta partilha de vida, igualmente tamanha abertura é necessária. Uma abertura que se move em ambos os sentidos. Tanto da pesquisadora para pesquisada como da pesquisada na direção da pesquisadora.

As narrativas em determinados momentos nos tornam iguais, mesmo ao sermos por vezes tão diferentes! Quando somos tocadas pela narrativa da outra, por sua história de vida, por sua experiência, por seu sofrimento. Por enquanto, vamos chamar estes momentos de aproximação, de momentos de humanização entre as mulheres. Clifford Geertz<sup>32</sup>, sobre seu contato com os balineses, relata como era ignorado pelo povo local, como se ele não existisse. E assim foi até que um determinado acontecimento, uma fuga da polícia local ao abordar uma briga de galos, o tornou igual. Embora os habitantes locais soubessem tudo sobre sua pessoa, foi a partir daquele momento que ele se tornou familiar e foi aceito pelo grupo local. Aqui evocamos trechos de nosso diário de campo para pensar estes momentos nos quais nos tornamos, para o grupo, mulheres iguais, gente como elas e não pesquisadoras que se encontram num patamar diferenciado.

*“Hoje foi um dia cansativo, abafado e todas cansadas da semana. Surgiram muitas conversas sobre a história de vida individual. Algumas surpreendentes, eu nem imaginava. Vou ter que descrever melhor mais adiante. O fato é que começaram a falar e se expor de tal maneira, que cada uma de nós começou, a seu modo, se colocar no lugar da outra. Também, me peguei em dois momentos que eu penso que elas me perceberam como igual. Um deles foi quando falavam sobre o uso de drogas, e tocaram no uso da loló<sup>33</sup>. Eu espontaneamente, ao mesmo tempo em que recortava um papelão, falei: “muito cheirei”, e continuei recortando. Foi então que percebi um silêncio geral, levantei a cabeça e estavam todas me olhando com os olhos arregalados. A fala saiu sem pensar e causou espanto. Quando entendi, comecei a rir e tive que explicar o contexto sobre o trabalho com calçados feito nas casas, na década de 80, no qual as vizinhas, usavam a loló para colar o couro. E apesar do efeito tóxico, não havia nenhum tipo de cuidado enquanto as crianças rodeavam aquele fazer. Retomamos a conversa e uma delas me trouxe uma peça em crochê que eu havia ensinado e que ela deu continuidade. Então comentei que ela poderia engomar, expliquei como fazer a goma e ela questionou o que era engomar e novamente, sem pensar, disse que era o que se fazia para deixar a coisa dura (queria dizer a peça). A expressão pareceu dúbia e a gargalhada foi geral, e elas disseram ‘hoje tu tá que tá’”.* (Diário de Campo, Pesquisadora, 5 de agosto de 2016).

Esse podemos dizer que seria um momento de humanização, uma vez que elas esperavam da pesquisadora um enredo distinto naquele contexto e não uma fala espontânea, alguma bobagem ou uma narrativa sobre a história pessoal. Dessa forma, o que queremos pensar é: O que nos torna iguais e diferentes? Nossas fraquezas, nossos medos, nossas dores, alegrias, partos, trabalhos,

<sup>31</sup> JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2 p. 373-383, mai./ago. 2006, p. 378.

<sup>32</sup> GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>33</sup> Loló é o nome popular da cola de sapateiro, considerada uma droga altamente tóxica. É utilizada na indústria calçadista, por conseguinte, no trabalho por conta própria, no mundo privado, o qual é apropriado por esta mesma indústria.



estudos, pesquisas? E como saber, se não criarmos espaços de partilha e de escuta qualificada? Se não nos movermos para as esquinas do outro lado da rua.

Como podemos estabelecer empatia com a desconhecida? Aqui vamos utilizar *desconhecida* não no sentido de não conhecer a outra na forma mais básica de visualizar e nomear, mas no sentido de conhecer a sua história de vida. Nós conhecemos umas às outras. E nos encontramos em meio a dizeres: ela não trabalha; ela não estuda; ela dorme até tarde; ela só namora; ela sai pelada na rua; ela cuida da minha vida; ela não se esforça, é uma fofoqueira; é uma vadia...<sup>34</sup>. Nossa fala é recheada de estereótipos, até mesmo a fala das pesquisadoras e, por isso, temos que fazer o exercício complexo de desconstrução dos modelos patriarcais de categorização e classificação. Nesse sentido, ressaltamos o quão tem sido importante, em nossas reflexões, reconhecer, discutir e sistematizar os momentos em que nos pegamos nessas armadilhas etnocêntricas.

*“Por mais que eu relativize e me polície para fazer um exercício de alteridade, e busque uma horizontalidade na relação com as mulheres, as vezes me pego num estranhamento cultural, mesmo que efêmero, julgando um que outro comportamento. Logo retomo a consciência. Embora tenha a mesma origem étnica e de classe que a maioria delas, os horizontes que se colocaram foram muito distintos. Tenho sempre que cuidar para não julgar a partir do meu contexto. Complexo sair do automático. Como alerta Ivone Gebara<sup>35</sup>, elas carregam a dureza da vida e uma mobilidade restrita pela senzala”.* (Diário de Campo, Pesquisadora, 03 de junho de 2016)<sup>36</sup>.

Mas o que sabemos da outra além daquilo que julgamos, além do estereótipo? Dos seus silêncios, das suas angústias, da sua experiência de trabalho, dos seus amores? Na prática, pouco sabemos do seu *ser*. Nos dias atuais, podemos ainda afirmar que em muitos espaços as mulheres “atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”<sup>37</sup>.

Dessa forma, com relação à postura ética, política e epistemológica das pesquisadoras com as mulheres que assumem o papel de sujeitas nos projetos de pesquisa, ainda podemos trazer

<sup>34</sup> Colocamos algumas expressões comuns, fruto da misoginia, utilizadas entre mulheres para nomear, definir, classificar outras mulheres. E aqui não as apresentamos fazendo referência ao conceito de misoginia, cujo estudo deve ser aprofundado a fim de desconstruir o senso comum. Mas citamos estes exemplos, pois somos mulheres, vivemos na pele. Somos vítimas dos nossos próprios preconceitos naturalizados pela cultura patriarcal em que estamos inseridas. Daí a necessidade de desconstrução e de uma práxis que busque dialogar com o conceito de sororidade.

<sup>35</sup> Sobre esta questão, cf.: GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>36</sup> O diário de campo e os trechos apresentados são oriundos de experiências como oficinas de artesanato e trabalhos manuais. As oficinas de artesanato realizadas com mulheres das classes populares, na região metropolitana de Porto Alegre, não tinham como objetivo principal ou prática metodológica a pesquisa-formação conforme apresenta Josso. Por outro lado, as impressões incluídas no diário de campo nos dão pistas para pensar duas questões: quais possibilidades se abrem nos espaços de saber-fazer-pensar; como (re-) criar o ético, o político e o estético nas nossas relações com/entre mulheres.

<sup>37</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

algumas situações como as que temos registrado e que ainda gostaríamos de partilhar nesse texto. Elas dizem respeito à postura ética da pesquisadora na relação com as pesquisadas.

*“Constatação do dia: apesar do exercício de empatia e de escuta qualificada o etnocentrismo está sempre rondando e muitas vezes me pego no senso comum. Eita habitus. Quando cheguei pra ensinar crochê, encontrei algumas meninas na rua e pensei nas possibilidades de estudo e trabalho delas. Aquele cotidiano me pareceu, mesmo que rapidamente, saído da obra “O tempo e o vento”. Logo me censurei dialogando com a sociologia compreensiva. No decorrer da atividade, me deram um tapa na cara, no sentido figurado. Começaram a falar sobre trabalho, serviços precários que trabalharam, as insistentes buscas e a exigência de qualificação. Não demorou muito para perceber que além de lhes ser negado o direito a educação, também é negado o direito ao trabalho”.* (Diário de Campo, Pesquisadora, 22 de julho de 2016).

Portanto, percebemo-nos em incompletude! Percebemos também as armadilhas nas quais caímos. Armadilhas que nem sempre a gente se dá conta, mesmo na condição de *experts* do mundo acadêmico. É necessário se instalar no outro lado da esquina para se dar conta das muitas armadilhas, para distanciar e observar com outras lentes. Ter consciência do tipo de pesquisa que queremos e para o que queremos caminha com a ética e está ligada na estética da pesquisadora. A busca de um caminhar com as pesquisadas, por meio da troca, do diálogo e da reciprocidade, aponta também para um caminhar para si. Mas está também para a prática da sororidade, pois coloca-se dentro do princípio ético de respeito às outras mulheres. Afinal “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens [sic] se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”<sup>38</sup>

Os espaços de fazer das mulheres, com suas narrativas sobre histórias de vida e que se apresentam como espaços formativos para pesquisadoras e para as pesquisadas, são como um terreno fértil onde novas relações entre as mulheres podem brotar. Esse olhar atento para os espaços de fazer das mulheres nos coloca para análise atenta também dos modos de saber e de pensar delas. Três campos onde a sororidade vai pedindo licença para entrar.

### Considerações finais

Compreender a sororidade implica primeiramente buscá-la na pele. É preciso experimentá-la para poder pensá-la! Reconhecendo em nós mesmas os preconceitos e a nossa própria misoginia a fim de combatê-la e instaurar uma outra ética e estética da vida. Seguir à risca um compromisso que entendemos ser de natureza ética mas também de natureza política: de que quem pesquisa nunca pesquisa sozinha/o.

Olhar para os espaços de fazer das mulheres como espaços de desconstrução da cultura patriarcal é o estar do outro lado da rua observando da esquina. Quando nos instalamos nesses lugares com outras perspectivas, outros voos poderão ser alcançados.

<sup>38</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.



No desejo de que o ato da pesquisa venha a ser um espaço para a experiência da sororidade é que vamos encerrando este exercício de colocar em palavras escritas nossas reflexões da vida ordinária.

## Referências

BERGER, Carlos Norberto. Misoginia. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI Losandro. (org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFDG, 2015, v. 1, p. 461-463.

BRANDÃO, Carlos R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (orgs.) *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Editora da UFPel: Pelotas. 2009. (Coletânea).

EGGERT, Edla; PERES, Lúcia Maria Vaz. Conversando com Josso: encontros autoformadores. In: *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 30, p. 15-24, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HERMANN, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Editora EDIPUCRS: Porto Alegre, 2005.

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 25, n. 2, São Paulo, jul./dez. 1999.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2 p. 373-383, mai./ago. 2006.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: UNAM, 2005.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías*. 2012. Disponível em: <[www.inmujeres.df.gob.mx](http://www.inmujeres.df.gob.mx)>. Acesso em: 20 out. 2016.

MELLO, Marco. *Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao gesto*. Porto Alegre: Editora Ísis, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. 2001. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pmayobre/pdf/pisano.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.



SENNETT, Richard. *O artífice*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

[Recebido em: novembro de 2016 /  
Aceito em: dezembro de 2016]